

# O PAPEL DO EDITOR SEGUNDO ROBERT DARNTON: PIRATARIA, PUBLICAÇÃO E O COMÉRCIO LIVREIRO NA ERA DO ILUMINISMO

## THE ROLE OF THE PUBLISHER ACCORDING TO ROBERT DARNTON: PIRATING, PUBLISHING AND THE BOOKSELLING TRADE IN THE AGE OF ENLIGHTENMENT

 <https://doi.org/10.46401/ardh.2023.v15.19109>

Victória Benevenuto Parisi

Universidade Federal de Mato Grosso

 <https://orcid.org/0009-0006-4974-511X>  
victoriabenevenutoparisi@outlook.com

Recebido em: 22 de abril de 2023.

Primeira revisão: 08 de maio de 2023.

Revisão final: 30 de maio de 2023.

Aprovado em: 30 de maio de 2023.

DARNTON, Robert. **Pirataria e publicação**: o comércio de livros na era do iluminismo. Tradução: Renato Prelorzou. São Paulo: Editora UNESP, 2021.



A obra de Robert Darnton centra-se no papel do comércio livreiro na disseminação de ideias, em especial na França do século XVIII. Não é surpreendente, assim, que em "Pirataria e publicação: o comércio de livros na Era do Iluminismo", publicado em 2021 pela editora Unesp, Darnton se dedique à economia dos livros no século das luzes. Na tarefa diligente de examinar as dinâmicas comerciais que moldaram a produção e a distribuição dos livros durante o período, o historiador amplia a lupa sobre pensadores que compuseram o movimento enciclopedista encabeçado por Diderot e D'Alambert, bem como àqueles que foram veiculados nos

circuitos clandestinos da edição francesa.

Logo na introdução, Darnton resgata Voltaire ao citar “todo o universo conhecido é governado exclusivamente pelos livros” (DARNTON, 2021, p.8). Essa ideia, que encapsula a essência do trabalho de Darnton em “Pirataria e Publicação”, dispara uma questão central: como os livros conseguiram se tornar uma força em meio a um contexto de condições produtivas e de mercado precárias? Sob essa luz, desvela-se a história da pirataria na França do século XVIII, uma peça na qual colocam-se ao palco personagens diversos, desde escritores e editores até censores, contrabandistas, vendedores e leitores.

No entanto, surge outra questão premente: como fazer uma história da pirataria, haja vista os desafios da busca por documentação de uma prática proibida? Diante dessa problemática, é necessário observar certos aspectos da produção de Robert Darnton. Em primeiro lugar, Darnton oferece primazia para a interdisciplinaridade dentro da produção historiográfica. Outrossim, para a construção dos “mundos mentais”, Darnton busca uma leitura atenta dos textos, explorando-os minuciosamente, e também investiga os contextos socioeconômicos que os envolvem, a fim de compreender a forma como as ideias se entrelaçam ao cotidiano e como o interesse econômico as impulsionam.

De certo, o adjetivo “cultura” permeia a produção de Darnton, sobretudo por meio da definição de cultura proposta por Geertz, antropólogo que concebe a cultura como um sistema de concepções transmitidas e expressas simbolicamente, revelando-se nas diversas formas de comunicação, no desenvolvimento e compartilhamento do conhecimento, bem como na interação dos indivíduos com o mundo ao seu redor. (Cf. CHARTIER, 1985, p.684).

Portanto, Darnton estabelece diálogo com contribuições teóricas da sociologia, da antropologia, mas também da análise literária e semiótica. Em “Pirataria e Publicação”, é interessante notar a utilização de Balzac, em especial a obra *Ilusões Perdidas*, que captura corrida por distinção social e lucro entre os participantes do comércio de livros no início do século XIX. Por meio dessa associação, Darnton procura mostrar que a luta dos livreiros, escritores e editores para sobreviver “[...] pertencia a uma *comédie humaine* encenada muito antes de Balzac e suas histórias, sejam sucessos ou fracassos, revelam a força subjacente que operavam em seu mundo: a procura de lucro e muito jogo sujo” (DARNTON, 2021, p. 491). Configuram-se, então, as palavras-chave do trabalho de Robert Darnton: pirataria, lucro, prestígio, censura, ruptura com a ordem vigente e concorrência.

É necessário enfatizar, também, que uma etapa fundamental para o trabalho de Darnton foi a pesquisa empírica em arquivos. Ao longo de cinquenta anos, Darnton dedicou-se a documentação pouco explorada da editora *Société typographique de Neuchâtel* (STN). Os arquivos da STN são compostos por aproximadamente 50 mil cartas, representando vestígios de uma casa editorial em atividade de 1769 a 1794. Adicionalmente, o trabalho recorre aos arquivos da Bastilha, da Guilda de Paris e da polícia parisiense, bem como aos registros de falência e aos arquivos da administração francesa. É por meio dessas fontes que Darnton se aventura em reconstruir o mosaico do mundo editorial francês na era do iluminismo.

O estudo dos arquivos permitiu com que Darnton enfrentasse uma realização tama-

nha: a pirataria, na segunda metade do século XVIII, foi responsável por mais da metade dos livros distribuídos no mercado francês. Os números sublinham o argumento, pois em uma carta de 1778, o homem das letras Jean-Baptiste Antoine Suard estimou que havia cerca de 6 milhões de cópias ilegais escondidas nos estoques dos livreiros franceses, e que nos 20 anos anteriores, em torno de 30 milhões de cópias ilegais haviam sido produzidas, um número maior do que a população da França na época (cf. DARNTON, 2021, p.125). Por meio dessa constatação, Robert Darnton delimita objetivos claros para sua pesquisa: compreender o que era a pirataria, como funcionava e por que era tão importante ao ponto de se tornar o coração da indústria editorial.

O mercado editorial do período caracterizava-se por meio da confluência de duas características: a ausência de liberdade de imprensa devido à censura que imperava no continente europeu e a falta de formalização dos direitos autorais na França. Sem liberdade de imprensa e sem direitos autorais, a publicação na era do Iluminismo também não incluía *royalties*, resultando em uma escassez de autores franceses que pudessem sobreviver somente por meio da sua pena.

Neste cenário, a publicação era baseada em “privilégio”, um sistema que permitia que a obra literária fosse tratada como *propriedade*, uma vez que a aquisição dessa concessão garantia aos editores ou impressores o direito de publicar e distribuir as obras por tempo indeterminado. De modo geral, essa concessão foi monopolizada pela Guilda Parisiense, que, respaldada pelo estado do *Ancien Régime*, também exercia controle sobre a produção de livros e supervisionava o comércio a fim de evitar concorrência ilegal. A Guilda possuía uma hierarquia rígida e para manter o negócio, adquiria os privilégios em leilões fechados e os dividiam em frações com outros membros, as quais eles também vendiam ou passavam de herança para outras gerações. Porém, enquanto os editores parisienses mantinham o domínio sobre o mercado e os privilégios, os livreiros de outras regiões recorriam às *contrefaçõ* para atender à crescente demanda por livros.<sup>1</sup>

No mundo editorial restrito de Paris, os piratas criaram um mercado alternativo, desafiando o monopólio da Guilda de livreiros e tipógrafos. A região chamada por Darnton de “Crescente Fértil”, território que se estendia de Amsterdã a Bruxelas através do Renânia e na Suíça, foi o local onde a maioria dos livros franceses foram produzidos. Essa região era composta por dezenas de editoras que operavam como piratas, reproduzindo e distribuindo rapidamente qualquer livro promissor que aparecia na França, quase tão rapidamente quanto o original.

---

1 Na tradução feita por Renato Prelorentzou de “Pirataria e Publicação” para a editora Unesp, o termo “contrefaçõs” não é traduzido. Apesar do termo ser utilizado para se referir à pirataria, Darnton (2021, p.10) explica que a palavra *contrefaçõs* era usada de maneira divergente. Por um lado, poderia ser utilizada para se referir à reprodução exata do texto original, ou seja, uma “counterfeit” (falsificação). Por outro lado, também era popularmente utilizada para designar a reimpressão de um texto cuja propriedade e autoria ninguém havia reivindicado, caso não raro quando se tratava de livros ilegais. Darnton, por sua vez, vai utilizar o termo para se referir a livros piratas, isto é, qualquer versão não autorizada do livro.

Segundo Darnton (2021, p.106), o objetivo dos editores era “abrir um estabelecimento fora do país, descobrir o que os franceses queriam ler e inundar o reino com impressões baratas”. As editoras situadas em Gênova e Amsterdã, por exemplo, prosperaram ao atrair escritores cujas obras desafiavam os valores estabelecidos na França, como a igreja, o estado e a moral. Com o intuito de evitar a censura imposta no país, os escritores considerados “perigosos” optavam por enviar suas obras para serem publicadas por editoras estrangeiras e as introduziam clandestinamente na França.

Por sua vez, os editores “piratas” surgiram como inovadores, produzindo livros acessíveis ao público em geral. Os livros piratas tornavam-se relativamente acessíveis financeiramente devido a uma série de fatores materiais: o papel era mais barato fora da França, a mão de obra era mais barata e os piratas claramente não precisavam pagar pelo manuscrito. Além disso, os comerciantes piratas visavam uma publicação que fosse abaixo do preço de mercado, pois não estavam tentando vender para a elite em Paris, mas sim para pessoas comuns espalhadas por todo o reino e, é claro, por toda a Europa. Contudo, transportar os livros piratas por toda a França era um processo caro e complexo. Para conseguir realizar o envio, os editores estrangeiros se uniram aos livreiros provinciais marginalizados pelos monopolistas de Paris, evoluindo a tendência de publicação de um comércio de luxo centrado em Paris para uma ampla colaboração entre editores estrangeiros e varejistas provinciais, resultando em um mercado nacional em pleno século XVIII.

O Iluminismo estava em ascensão e, concomitantemente, os ideais iluministas eram amplamente divulgados por meio da impressão – fator que demonstra, em última análise, a relação intrínseca das questões políticas com o mundo dos livros. De fato, as publicações eram diversas, no entanto, duas categorias se destacaram entre as demais e receberam a atenção de Darnton: os *belles-lettres* e os *livres philosophiques*. Especificamente na categoria dos livros de filosofia, estavam incluídas filosofias radicais, como o ateísmo iluminista de Helvétius e d’Holbach (embora não necessariamente o de Voltaire, que era mais moderado). Esses livros perigosos eram tratados com cautela ao serem enviados para Paris, sendo ocultados sob camadas de palha ou disfarçados entre as páginas de edições piratas de livros legítimos para evitar detecção.

Em geral, a palavra “Iluminismo” é seguida por grandes nomes: Condorcet, Diderot, Mercier, Rousseau e Voltaire. Certamente, os criadores de clássicos literários desempenharam o papel de revolucionar o cenário político-social e de moldar o pensamento contemporâneo, porém, atrás das cortinas, os editores fizeram-se fundamentais. Os comerciantes piratas contrabandearam os livros desses intelectuais para cidades provinciais como Lyon, Marselha, Nîmes, Rouen e Toulouse, mas também para o resto da Europa, permitindo que as ideias iluministas alcançassem um público cada vez maior, não apenas os restritos consumidores da elite que compravam os volumes caros de literatura convencional produzidos em Paris. Daí o argumento de Darnton de que os editores de livros que atuavam fora das fronteiras da França contribuíram para a disseminação de obras de autores famosos com conteúdo revolucionário, evitando a lei, a censura rígida e o monopólio da Guilda Parisiense.

(cf. DARNTON, 2021, p. 275-280)

No capítulo “Uma confederação de piratas”, Darnton se aprofunda no mundo dos editores da STN, desvendando os acordos vantajosos e desafiadores feitos pela casa editorial. O mercado editorial se caracterizava por um empreendimento arriscado, sobretudo devido à falta do dinheiro, ou melhor, notas garantidas pelo estado que circulavam como moeda legal, resultando, geralmente, em falência. Nesse sentido, para garantir lucros e compartilhar riscos, os piratas formavam alianças e pactos de não-agressão, como foi o caso das negociações da *Société typographique de Neuchâtel* e da *La Société Typographique de Berne*.

Os editores, impulsionados pela busca pelo lucro, encontravam-se igualmente envolvidos na publicação dos livros filosóficos, ainda que nem sempre compartilhassem das ideias iluministas. Com efeito, lidavam com uma vasta gama de obras, abrangendo desde coleções completas de trabalhos substanciais até as edições de livros mais recentes, sempre com o intuito de colher os proveitos financeiros que tais produções poderiam proporcionar. Os piratas estavam imersos no negócio de fornecer aquilo que despertava maior apelo comercial, e quando obtinham êxito, podiam acumular riquezas consideráveis, uma vez que, como afirmou Darnton (2021, p. 364), “a pirataria era, antes de tudo, uma corrida pelos mercados”.

Na mesma veia, um contemporâneo, preocupado com a tendência da STN de investir em publicações que não geravam retorno financeiro, afirmou de forma contundente: “O problema não reside em encontrar obras para imprimir - coisas boas, admiráveis, maravilhosas - nossa principal preocupação, o único objeto que demanda toda a nossa atenção, é assegurar-se de que possamos lucrar com cada impressão” (DARNTON, 2021, p. 410). De fato, para os editores da época, a maximização dos lucros era o objetivo principal.

Torna-se evidente, assim, a necessidade de uma estratégia de mercado refinada para os livros piratas. Darnton faz uma discussão de *marketing*, exemplificando com a figura de Mme. Bertrand, a filha do chefe da SNT, que em sua abordagem destacou três aspectos fundamentais para o sucesso das editoras no comércio livreiro: a habilidade de venda, o cultivo de conexões pessoais e a honestidade com o comprador. Assim sendo, a obtenção de informações precisas e atualizadas era imprescindível para o sucesso no mercado editorial pirata. De fato, a SNT acompanhava de perto as tendências e procurava compreender a demanda e o consumo dos livros em alta. Para isso, contavam com intermediários, como agentes literários e observadores, que interagiam com autores e negociavam suas obras.

Um intermediário cultural notável foi Quandet de Lachenal, referido por Darnton como “nosso homem em Paris”. Ele desempenhou um papel crucial ao fornecer informações detalhadas à STN sobre as tendências literárias na província. O objetivo era claro: descobrir que livros estavam sendo vendidos, em que ritmo e em que formato. Quandet foi confiável para a STN por um tempo significativo, atuando como varejista clandestino. Contudo, desfechos trágicos não eram incomuns aos intermediários e comerciantes das editoras piratas, como foi o caso de Quandet, que foi descoberto com uma grande quantidade de livros proibidos, denunciado e forçado a fugir, o que resultou em sua ruína financeira. (cf. DARNTON, 2021, p.484)

Mas quem não gostaria de um trabalho cheio de emoção, repleto de encontros secretos e uma chance de se acotovelar com algumas das mentes mais brilhantes da época? Apesar dos perigos, ainda havia pessoas dispostas a se arriscarem na indústria editorial pirata. A cidade de Genebra, que tinha apenas 30 mil habitantes no século XVIII, surpreendentemente possuía muitos tipógrafos e livreiros. De acordo com o *Almanach de la librairie* de 1781, eram quinze, número maior em que Marselha, cidade a qual tinha três vezes a população de Genebra. A maioria destes tipógrafos e livreiros havia estabelecido posições confortáveis na hierarquia social. A dedicação ao comércio demandava a posição de *citoyens* ou burguês, mas alguns até mesmo viviam como aristocratas. (cf. DARNTON, 2021, p. 199).

No capítulo doze, intitulado "Ganhando e perdendo dinheiro", Darnton realiza uma análise da economia das editoras piratas. Nessa discussão, ele analisa o custo da produção e a complexidade da cadeia de suprimentos para a distribuição de livros, levando em conta fatores cruciais, como os materiais para a produção, tal como os moldes e as chapas. Além disso, considera também a entrega dos livros, a qual dependia de diferentes profissionais, incluindo banqueiros, agentes marítimos e carroceiros. Embora as complexidades das transações comerciais aumentassem o preço das obras piratas, sobretudo em seu envio, elas ainda eram mais acessíveis para trabalhadores assalariados médios, quando comparados ao valor dos seus salários. Portanto, é fornecida uma visão mais clara da economia da publicação pirata, trazendo à luz os fatores que a tornava tão atrativa para o público: o conteúdo e o preço.

Em considerações finais, é possível ressaltar três fatores centrais que guiaram o mercado pirata de livros na era do iluminismo e, por conseguinte, as análises feitas nos livros de Robert Darnton. Em primeiro lugar, havia um aumento do público leitor, o que Darnton chama de democratização do acesso à cultura. Em segundo lugar, a impressão em larga escala de livros com preços acessíveis para alcançar um público mais amplo, onde os editores piratas surgem como protagonistas para difundir o Iluminismo, mesmo com suas próprias opiniões sobre política, religião e moral. E finalmente, a disseminação de ideias revolucionárias e Iluministas para magistrados, advogados, médicos, oficiais militares, funcionários públicos, proprietários de terras, comerciantes e, sem dúvida, suas esposas também. Nas palavras de Darnton:

Talvez pareça surpreendente associar democratização à pirataria. Para entender a afinidade entre as duas coisas, é importante reconhecer como a publicação do século XVIII operavam em um mundo sem direitos autorais, royalties, liberdade de imprensa, alfabetização universal e mercado de massa. Baseavam seus negócios em suposições sobre as regras do jogo e a maneira como era jogado sob as condições peculiares do Ancien Régime. Longe de partirem de ideais elevados sobre o acesso livre e igualitário à palavra impressa, tentavam obter lucro. Os editores piratas, ao contrário dos membros privilegiados da Guilda Parisiense, queriam satisfazer a demanda de um amplo setor do público para o qual os livros não eram artigos de consumo comuns. Se a democratização pode ser identificada com a abertura do acesso a bens culturais até então indisponíveis, os piratas desempenharam um papel importante na era da revolução democrática. (DARNTON, 2021, p. 482)

Por meio da escrita do historiador, ou seja, o engenhoso trabalho de reconstruir uma miríade de narrativas, o leitor é permitido ao mundo das operações mentais dos personagens que participaram no comércio de pirataria de livros. Diante do leitor é posto um “mundo balzaquiano antes de Balzac”, onde personagens diversos tentam enganar, trair e colaborar uns com os outros em busca do sucesso, prestígio e reconhecimento.

Nas páginas deste livro, somos conduzidos por um ciclo de vida da impressão. Podemos concebê-lo como um circuito de comunicação que se desdobra desde o autor até o editor, o impressor, o expedidor, o livreiro e, finalmente, o leitor. No entanto, o leitor desempenha um papel crucial nesse circuito, influenciando o autor antes e depois do ato de composição. Os autores são, eles próprios, leitores em constante interação com outros escritores e leitores, o que molda sua percepção de gênero, estilo e do empreendimento literário como um todo, impactando seus próprios textos. O escritor pode responder às críticas de suas obras anteriores ou antecipar as reações que seu texto irá despertar, fechando assim o ciclo completo. Ao longo desse percurso, as mensagens são transmitidas e transformadas, passando do pensamento para a escrita, para os caracteres impressos e retornando ao pensamento, numa constante metamorfose comunicativa.<sup>2</sup>

Eis, portanto, um livro que se dedica à análise do universo intrincado dos escritores e editores, revelando suas percepções do mercado, sua compreensão dos perigos envolvidos e as maneiras como estabeleciam relações mútuas por meio de acordos de não-agressão e confederações. No entanto, todos esses esforços tinham um objetivo comum: tornar os livros acessíveis ao público, ao leitor e integrá-los ao cotidiano, operação que trouxe o mundo dos livros (e das ideias) de volta à vida.

## REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. Text, Symbols, and Frenchness. **The Journal of Modern History**, Chicago, v. 57, n. 4, p. 682-695, dez. 1985. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1879771>. Acesso em: 06 jul. 2023.

DARNTON, Robert. **Pirataria e publicação**: o comércio de livros na era do iluminismo. Tradução: Renato Prelorentzou. São Paulo: Editora UNESP, 2021.

DARNTON, Robert. What Is the history of books? **Daedalus**, Massachusetts, v. 111, n. 3, p.65-83, verão 1982. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20024803>. Acesso em: 10 jul. 2023.

---

<sup>2</sup> Para compreender melhor o circuito de comunicação ver a página 68 em: DARNTON, Robert. What Is the history of books? *Daedalus*, Massachusetts, v. 111, n. 3, p.65-83, verão 1982. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20024803>. Acesso em: 10 jul. 2023.